QUEM VÊ CLOSE NÃO VÊ CORRE: UM ESTUDO ACERCA DA VISIBILIDADE, REPRESENTATIVIDADE E ATO POLÍTICO DA ARTE DRAG

"QUEM VÊ CLOSE NÃO VÊ CORRE": A STUDY ABOUT THE VISIBILITY, REPRESENTATIVITY AND POLITICAL ACT OF DRAG ART

Wezelley Campos França[1]

Resumo: A proposta básica deste estudo é ressignificar e compreender a importância da visibilidade e representatividade da arte drag enquanto ato político, a partir de um olhar sobre a abordagem histórica de resistência, luta e consolidação dos preceitos de uma sociedade justa, igualitária e aberta à diversidade, olhar este que se faz imprescindível para a defesa desse movimento artístico e de todos aqueles que são tidos como desviantes sexuais e marginalizados, como no caso da expressão artística aqui estudada. Este artigo tem como objetivo promover a reflexão acerca das relações entre arte, ato político, ativismo e o neologismo a(r)tivismo, através dos movimentos sociais que foram marcantes na trajetória da arte drag, de forma a propiciar uma análise de sua importância na história enquanto movimento artístico. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como AMANAJÁS (2014), BRAGANÇA (2019), RODRIGUES (2016) e SANTOS (2019), entre outros, além de falas importantes de quem vivencia a arte drag, como as drag queens Lorelay Fox, Penelopy Jean, Rita Von Hunty e Teena Starling, percorrendo, assim, a historicidade e de que forma esse movimento artístico se apresenta e qual o seu território.
Palavras-chave: Drag queen; arte; movimento artístico; representatividade; ato político.

Abstract: The basic proposal of this study is to resignify and understand the importance of the visibility and representativeness of drag as a political act, from a look at the historical approach of resistance, struggle and consolidation of the precepts of a fair, egalitarian society open to diversity, This view is essential for the defense of this artistic movement and of all those who are considered sexual deviants and marginalized, as in the case of the artistic expression studied here. This article aims to promote reflection on the relationship between art, political act, activism and the neologism a(r)tivism, through the social movements that were remarkable in the trajectory of drag art, in order to provide an analysis of its importance in the history as an artistic movement. A bibliographic research was carried out considering the contributions of authors such as AMANAJÁS (2014), BRAGANÇA (2019), RODRIGUES (2016) and SANTOS (2019), among others, in addition to important speeches from those who experience the art of drag, such as drag queens Lorelay Fox, Penelopy Jean, Rita Von Hunty and Teena Starling, thus traversing the historicity and how this artistic movement presents itself and what its territory is.
Key-words: drag queen; art; artistic movement; representativeness; political act.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, a drag queen é um tipo de arte performática que tem a ver com a cultura LGBT e que quebra as barreiras de gênero, questionando os papéis do homem e da mulher na sociedade. Há muito se sabe que a experimentação drag queen não é algo advinda da sociedade hodierna, visto que a marginalização de todos aqueles que são tidos como desviantes sexuais, como no caso da expressão artística aqui estudada, estiveram inseridas no decorrer da história da humanidade.

[1] Licenciado em Pedagogia e Artes com especialização em Educação em Direitos Humanos, diversidade e questões étnico-sociais ou raciais, Gestão Escolar com ênfase em Administração, Supervisão e Orientação e Artes Visuais.

Diante do exposto, o interesse sobre esse assunto surgiu a partir da percepção de que as drag queens, visibilizadas midiaticamente, mencionavam e defendiam a arte drag como ato político. Dito isto, o estudo se justifica na busca em compreender de que forma esse movimento se apresenta e qual o seu território.

Para isso, no primeiro capítulo, de maneira breve, é explicitada a trajetória das drag queens, desde que estas estavam inseridas apenas em peças teatrais, abordando a drag queen da antiguidade, no que diz respeito ao seu início na Grécia Antiga e caminhando pela Idade Média e mais adiante identificando as contribuições de William Shakespeare no Teatro Elisabetano. Nessa trajetória há também destaque para a performance no oriente até o momento em que o movimento artístico drag passa a ser inserido no vogue e, assim, ganha maior visibilidade pelas novas mídias.

No capítulo seguinte buscou-se tratar das relações entre arte, política, ativismo e o neologismo a(r)tivismo, através dos movimentos sociais que foram marcantes para a arte drag. Nesse viés, é trazido um recorte acerca da cena drag como um ato performático, que vai além dos minutos em que a drag sobe/está no palco, mas sim, uma arte enquanto resistência e ato político, no qual abundam modos de existência e resistência que reivindicam seus lugares, ressignificando esse espaço, se tornando visíveis aos olhos dos diferentes públicos, mostrando, pois, o quão importante foi, e cada vez mais tem sido para a representatividade da arte drag.

Posteriormente, para tratar como a drag entra no nosso cotidiano, no que tange o seu surgimento no Brasil com o que temos hoje, o capítulo final do presente estudo se dedica a observar e contar parte da história muito marcante das drag queens no país. Vê-se, então, emergir a cultura drag brasileira quando ainda era nomeada de transformismo, reverberando, assim, no fazer artístico das drag queens e na popularização, visibilidade e posicionamento crítico de defesa da comunidade LGBT por meio da divulgação de sua arte nos diversos segmentos de comunicação, entretenimento e mídia.

Segundo Amanajás (2014), atualmente, o Brasil está arrebatado paulatinamente pela invasão da arte drag. Nesse ínterim, as drag queens têm ganhado cada vez mais espaço como artistas que rompem barreiras, que quebram paradigmas e desafiam o senso comum, através de sua figura confrontativa em perpetuar sua existência.

Diante disso, o presente estudo não tem por objetivo explicar de forma analítica e didática o que vem a ser a arte drag, sua problemática da diversidade sexual, suas siglas, nomenclaturas, divisões quanto à classe social e menção de todos os artistas drag queens, mas sim, analisar a sua importância na história enquanto movimento artístico.

2 UM BREVE HISTÓRICO DA BABADEIRA[2] ARTE DRAG

Embora, nos dias atuais, a arte das drag queens seja transgressora, a performance drag não é um fenômeno contemporâneo. Ela é uma arte que tem uma história de longa data, tendo emergido paralelo ao teatro e ambos estão presentes desde o limiar da humanidade.

Nesse viés, para fazer uma historicidade da performance drag enquanto movimento artístico é preciso se remeter a história do ator transformista [3] e identificar diferentes contextos históricos e culturais na qual os homens faziam papéis femininos no palco.

2.1 A DRAG DA ANTIGUIDADE

O teatro grego é considerado o ponto inicial da arte drag. Segundo Santos (2019, p.19), foi na Grécia Antiga, quando, "a partir de 534 a.C., o uso de máscaras femininas e masculinas para interpretar era exclusividade dos homens, que também usavam roupas e enchimentos para a composição de personagens". Nesse período, as mulheres eram consideradas impróprias para o palco, ficando, então, estabelecido que somente os homens podiam interpretar as personagens, independente de serem masculinas ou femininas, sendo assim uma espécie de drag primordial, ainda que não houvesse associação dessa arte drag com a comunidade LGBT[4].

Na Idade Média, também é indissociável da trajetória teatral. Incapaz de controlar as manifestações populares pagãs da sociedade, segundo Amanajás (2014), Rodrigues (2016) e Santos (2019), foi por volta do ano 1100 d.C., que a Igreja inseriu o teatro à sua realidade.

> *A Igreja viu no teatro uma oportunidade para ensinar o Cristianismo a grandes grupos de fiéis analfabetos. Ela, então, se apropriou do formato para encenar passagens bíblicas e, uma vez que as mulheres não participavam dos serviços clericais, apenas aos homens ligados à Igreja era concedida a autorização para atuar. Embora às figuras femininas não seja despendida tanta atenção na Bíblia, quando sua presença era indispensável, os próprios homens as interpretavam* (SANTOS, 2019, p.22).

2 Segundo Bragança (2019), no pajubá, léxico LGBT brasileiro, o termo "babado" possui caráter polissêmico. Um "babado" pode tanto significar algo extremamente positivo, quanto negativo ou mesmo ser sinônimo de "fofoca" e "polêmica", a depender do contexto. Além disso, o termo também funciona como um advérbio de intensidade.

3 Termo brasileiro para os artistas performáticos atualmente conhecidos como drag queens e drag kings (GREEN, 2018, p. 384).

4 França (2020, p.192) destaca que "são muitas as representações envolvidas, além das várias mudanças na sigla representativa desse movimento no Brasil. A mais comum, GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) foi substituída por GLBT (com inclusão de Bissexuais e Transgêneros e exclusão dos Simpatizantes). A sigla aqui adotada, LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), segue deliberação da I Conferência Nacional LGBT, realizada em 2008. Há controvérsias quanto à nomeação de todos os T's, a inclusão de um Q (para queers) ou um A (para assexuais), um I (para intersexos), um P (para pansexuais) um +

No século XVI, começa o reinado da Rainha Elizabeth I e com ele o Teatro Renascentista Elisabetano, que teve William Shakespeare[5] como um dos principais nomes deste teatro. Naquela época, assim como na Grécia Antiga e no período medieval, as mulheres também eram proibidas de atuar, isso porque o teatro era considerado uma atividade marginalizada, que feria o bom costume, não sendo dessa forma, bem visto que a mulher atuasse, então, mais uma vez só havia homens encenando.

Já tendo se desvinculado da igreja, porém, ainda sem espaço para a mulher em cena, a arte drag se torna ainda mais interessante. As obras de Shakespeare, como por exemplo Romeu e Julieta, só eram interpretados por homens, ou seja, a primeira Julieta era um homem em *crossdresser*[6] , ela era um homem drag. No dizer de Rodrigues (2016, p.22), "há uma história reproduzida entre as drags queens em que afirmam que Shakespeare criou a sigla DRAG" para indicar que a personagem criada era feminina, mas personificada por um homem.

Concomitantemente,

> *É recorrente a visão de que Shakespeare, ao escrever suas peças, utilizava a sigla DRAG (dressed as a girl – vestido como mulher) para indicar os personagens femininos que seriam protagonizados por homens. No entanto, se a própria existência de Shakespeare como o real autor das peças (e não, por exemplo, um pseudônimo) é até hoje questionada, essas afirmações são realizadas sem base concreta. Aliás, se pensarmos que nesse período da história do teatro praticamente todos os personagens eram realizados por homens, o sentido da indicação de um homem vestido como mulher no roteiro seria absolutamente irrelevante* (BRAGANÇA, 2019, 529).

A drag queen Lorelay Fox (2020) nos atenta para a tradução da palavra drag, que em inglês significa arrastar, trazendo também a "versão de que as drags tinham esse nome porque os homens que se travestiam de mulher arrastavam os vestidos, pois eram vestimentas longas e pesados, como era na época da Rainha Elizabeth I" (FOX, 2020, documento não paginado). Ainda, segundo a digital *influencer*[7], não é sabido de fato se essas especulações são verídicas, uma vez que nenhum dos manuscritos de Shakespeare foram mantidos até a contemporaneidade.

Avançando no tempo, segundo Rodrigues (2016), foi no final século XVII que as mulheres começaram a aparecer definitivamente no teatro e com essa chegada, obviamente, os personagens femininos começaram a ser interpretados por elas. Houve,

(por vezes adicionado ao final para representar qualquer outra pessoa que não seja coberta pelas outras oitos iniciais), mas há um consenso na busca por inclusão das mais variadas dimensões da construção das desigualdades trazendo à tona pertencimentos sexuais e de gênero".

5 William Shakespeare foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo.

6 Segundo Rodrigues (2016, p.23) o termo significa vestir-se ao contrário. Não tendo ligação direta com travestismo ou transexualidade, o termo é direcionado àqueles que vestem roupas que não vão de acordo com o gênero que lhe foi imposto ao nascer.

7 Equivalente à pessoa que detém o poder de influência em um determinado grupo de pessoas.

portanto, uma diminuição na quantidade de homens que faziam drag no teatro e essa arte acabou entrando em um ostracismo, dando início a uma série de preconceitos e piadas, tornando-a uma chacota social.

Para o autor, no entanto:

> *No decorrer dos séculos, a realidade europeia foi sendo modificada, sendo a leitura mais acessível e os aspectos artísticos mais presentes na cultura. Desta forma, no século XVIII, as drags, que outrora haviam sido escanteadas, voltaram aos palcos dando vida a si mesmo de forma satírica* (RODRIGUES, 2016, p. 22).

Nesse ínterim, a arte drag começa a voltar, porém com um teor mais zombeteiro. O surgimento das companhias de homens que se vestiam de mulheres e de mulheres que se vestiam de homem para fazer o espetáculo, levava para os palcos à discussão de temas importantes como as questões de gênero, com certa leveza, comédia e muitas vezes relacionando todas essas artes ao circo, ao espetáculo de acrobacias e ao canto.

2.2 A PERFORMANCE NO ORIENTE

Embora, nos dias atuais, a arte das drag queens seja transgressora, a performance drag não é um fenômeno contemporâneo. Ela é uma arte que tem uma história de longa data, tendo emergido paralelo ao teatro e ambos estão presentes desde o limiar da humanidade.

Nesse viés, para fazer uma historicidade da performance drag enquanto movimento artístico é preciso se remeter a história do ator transformista e identificar diferentes contextos históricos e culturais na qual os homens faziam papéis femininos no palco.

Tal qual no Ocidente, o Oriente também estava presente na arte da personificação de papéis femininos aos homens e "todas as principais formas teatrais clássicas que necessitam da ação direta do ator foram também concebidas a partir da construção do feminino" (AMANAJÁS, 2014, p. 6). Entre as artes que utilizavam do homem para a construção de papéis femininos, o Teatro Topeng, da Indonésia, composto por dança de máscaras surgida no século XVII, que tinha na composição da personagem adereços como perucas, leques e máscaras, assim como gestos específicos, com qualidade e leveza de movimentos. O Teatro Kathakali, da Índia, de origem também do século XVII, era composto de artistas que se dedicavam a essa arte, tanto que chegavam a passar por um longo período especializando a personagem.

> *O ator de Kathakali tem que se submeter a um treinamento rigoroso de 10 a 12 anos antes que possa ser considerado apto. Tradicionalmente, somente meninos eram ensinados Kathakali,*

> *provavelmente por causa do rigoroso e prolongado treinamento envolvido, mas agora existem companhias de apenas mulheres (BALAKRISHNAN, 2004, p.35 apud AMANAJÁS, 2014, p.6).*

No Japão, podemos citar o clássico cômico Teatro Kyogen e o dramático Teatro Nô, com linguagens teatrais específicas do ator masculino desde o século XIV, e o Teatro Kabuki que, em 1624, tem a proibição de qualquer participação de mulheres, pois nas peças as atrizes eram consideradas muito eróticas para a época e até comparadas com a prostituição. Por fim, a Ópera de Pequim da China, que possui espetáculo cênico que agrega teatro, canto, dança, acrobacia, música, mímica e boa dose de virtuosismo, estabeleceu-se nos palácios imperiais da Era Ming, no século XVIII.

2.3 DO *VOGUE* [8] AO CINEMA

De acordo com Rodrigues (2016) e Santos (2019), as imitações femininas sérias no teatro são expulsas quando o século XVIII entrou em cena, com isso a prática do *crossdresser* passa a não ser estilizada e a arte drag volta a ser marginalizada e com caracterizações extravagantes para fins cômicos, batizadas de "damas pantomímicas" [9]. Foi com a chegada do século XIX que, a drag queen passa a atuar novamente em papéis com maior seriedade no cenário artístico.

> *O surgimento das novas mídias – como o cinema e a televisão -, assim como a ativa atuação dos movimentos pró-minorias sociais, impossibilitaram que as damas pantomímicas dessem continuidade às suas aparições, proporcionando novas possiblidades de atuação para as drags. Outro fator de grande influência à mudança de rumo das drags, foi a valorização de uma nova forma de teatro – o musical – utilizando de glamour às suas personagens, sendo o frívolo e grotesco escanteado* (RODRIGUES, 2016, p. 24).

Segundo, a digital *influencer* e drag queen Penelopy Jean (2020b), foi em 1870 que, finalmente surgiu o primeiro impresso da história, descrevendo drag como homens que se travestiam de mulheres no teatro. Muito tempo se passou e as artistas drag ressaltaram o desejo de serem chamadas de "*Female Impersonator*", para que não fossem confundidas com outros indivíduos que se travestiam fora dos palcos.

Na década de 1940, a arte drag estava fazendo um grande sucesso nos Estados Unidos, tanto em shows de comédia quanto em shows de dança em cabarés, logo,

[8] Bragança (2019) destaca o vogue como um estilo de dança abertamente afeminada composta por movimentos corporais definidos que, pelo próprio nome, se espelha na moda, em especial, nas poses das modelos presentes nas revistas. Posteriormente o vogue chegou ao mainstream através da música de mesmo nome de Madonna, no álbum I'm Breathless: Music from and Inspired by the Film Dick Tracy de 1990, em que a cantora utilizou não apenas elementos da cena da ball culture, como também os próprios dançarinos dos bailes do Harlem.

[9] Corresponde a homens que personificavam mulheres e adotaram a teatro pantomímico – que é a apresentação apenas por meio de expressões corporais – como modo de expressão artística. Esse tipo de personagem esteve em bastante evidência na década de 1920. Um dos maiores sucessos relacionados a essa incorporação foram as Dolly Houses.

contribuindo para que a expressão drag queen fosse divulgada pela primeira vez em um impresso. O leque de possibilidades culturais existentes após essa divulgação permitiu a inserção artística no imaginário popular.

Essas mudanças foram muito importantes para o artista drag, dado que a personificação do feminino era baseada nas mulheres da vida real. A arte teatral passou a ser menos valorizada por volta dos anos de 1950, quando a mídia de massa passou a contemplar outras formas de arte. Dado que essas novas formas de expressões artísticas ganharam espaço, a população contribuiu para a reprodução massiva dos novos formatos de entretenimento e com isso, a visibilidade drag volta a ser desvalorizada, ficando oculta.

De acordo com Bragança (2019) foi apenas no final dos anos de 1970 e começo dos anos de 1980, com o surgimento do *vogue* [10] e dos bailes norte-americanos, que a drag passou a ser uma metáfora da vida cotidiana, pois, independente do *crossdressing* estar envolvido, a performance era uma identidade específica. Nesse ínterim, Eva Joory (1995), ressalta a chegada da cultura drag, às telas com o filme independente "*Paris is Burning*" [11], "como recorte para abordar a cultura drag nos anos 1970, borravam as fronteiras entre o gênero e se destacavam por sua ambiguidade" (LIU, 2016, p. 20) no objetivo que passava a ser realmente ao de se parecer com o estereótipo que encarnavam na categoria em que competiam nos *balls*. Assim, a arte drag tem seu espaço de atuação expandido, deixando de ser uma expressão artística apenas de casa de show e ganhando espaço nas rádios, nos programas de televisão, na música e no cinema.

Do ponto de vista de Liu (2016), há muito se sabe que personagens drag queens ganharam dimensão e substância e a arte drag passou a ser vista e encarada como arte e profissão.

> *Embora as figuras de drag queens se fizessem presentes no cinema há décadas, fosse em filmes voltados para a família ou em dramas que tratavam a respeito de questões identitárias, foi no início da década de 1990 que a temática passou a trazer tais figuras para o centro das produções, colocando-as como protagonistas, e mostrando que por trás do performer existe um ser humano com dramas próprios, complexidade e que vai além do figurino reluzente que utiliza em seus shows* (LIU, 2016, p. 28).

As digitais influencers e drag queens Penelopy Jean (2020a), Lorelay Fox (2020) e Hillary Hilton (2016) citam aparições bastante significativas para a inserção da drag no *showbiz* [12], como os filmes, "Pink Flamingos" (1972), "A Gaiola das Loucas" (1978), "Priscilla, a Rainha do Deserto" (1994), "Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar" (1995), entre outros, ressaltando como o marco de uma primeira ruptura nesse longo período de invisibilidade da arte drag. Foi nesse momento que se começou a olhar para a arte drag de

10 Ver detalhes da dança em: <https://www.youtube.com/watch?v=vNdgYBCnW-8
11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=96vowNmQ5wY>. Acesso em: 14 abr. 2021.
12 Equivalente à indústria do entretenimento.

outra forma, pois os filmes humanizaram a vivência desses artistas.

Nessa mesma década, a disseminação da arte drag alcança o apogeu que se estende até os dias atuais, quando surge a RuPaul, uma grande drag queen que idealizou o famoso *reality show* "*RuPaul's Drag Race*", e trouxe a visibilidade da drag queen na indústria do entretenimento e desconstruiu a cabeça de muita gente, inclusive do próprio meio LGBT, que já estavam distantes do meio drag.

Posto isto, o *reality show* traz elementos da cultura drag domesticados, tornando-o palatável e vendável, saindo de um público específico para atingir cada vez mais espectadores. A drag queen Lorelay Fox (2020) destaca que:

> *O RuPaul's Drag Race é o que mais transformou a nossa sociedade na última década, pelo menos, a respeito da cultura LGBT, porque é um seriado que tocou muito pessoas que estão fora da nossa bolha. Mas eu vejo que nesse tempo o meio LGBT nunca valorizou as drags como valoriza hoje. O meio LGBT sempre achou legal ser drag, mas elas ficavam lá, e só achava legal mesmo as drags que gostam de ir em balada com show de drag [...] Eu acredito, sim, que RuPaul's abriu os olhos para nossa comunidade, porque hoje em dia os gays, os LGBT todos querem conhecer mais as drags, por isso que a gente vê tantas drags novas surgindo e acho que arte se abriu muito mais nesse tempo* (FOX, 2020, documento não paginado).

Diante do exposto, podemos perceber nesse percurso histórico que a arte drag esteve presente desde o surgimento do teatro, onde era natural e normal, depois para contestar uma burguesia e em seguida para entreter a heteronormatividade nos bares e clubes noturnos. Mais tarde, ficou jogada para o público LGBT, e nesse meio a drag servia como fuga e maneira de exteriorizar a arte, até o momento em que começam a participar de programas de TV e esses artistas passa a serem vistos como pessoas e como arte, sendo uma transformação crescente até o que se tem hoje em dia.

3 YUKÊ?![13] DRAG QUEEN É ARTE, RESISTÊNCIA E ATO POLÍTICO

Precisamos ser categóricos em ligar a arte drag a um movimento e a uma força de contestação que acompanha forma e jeitos próprios de existir e ao considerá-la um movimento social. Nesse ínterim, não se trata apenas da roupa, maquiagem, cabelo ou dominar o salto alto, a arte drag é, historicamente, um ato político por respeito, representatividade e reconhecimento dos direitos dos indivíduos LGBT, sentindo na pele a sua importância como artista.

Fernanda Soares e Herbet Castro (2020, documento não paginado) trazem a discussão de que "ser drag queen é manifestar artisticamente o que se é, é uma persona, uma

13 Expressão usada pela cantora Pabllo Vittar.

personagem. É uma forma de se expressar artisticamente" e isso vai ao encontro da fala de Thürler e Azvdo (2019, p.1) que "entendem a drag queen enquanto uma experiência artística, enquanto espetáculo, existência temporária de um corpo sobre outro".

A arte drag oferece uma discussão muito interessante quando pensamos em gênero dentro da sociedade, uma vez que, geralmente classificamos pessoas e objetos em gêneros binários, ou seja, masculino e feminino, e de repente temos um estilo artístico que começa desconstruir esse gênero binário.

> *É exatamente nesse sentido que a figura da drag permite pensar sobre os gêneros e a sexualidade: ela permite questionar a essência ou a autenticidade dessas dimensões e refletir sobre seu caráter construído. A drag queen repete e subverte o feminino, utilizando e salientando os códigos culturais que marcam esse gênero (LOURO, 2004, p. 86).*

Posto isto, podemos dizer que ser drag queen não é mero entretenimento, há também um lado social e político. Não podemos falar de ato político sem mencionar William Dorsey Swann, ativista americano da libertação gay, que nasceu na escravidão dos Estados Unidos, foi a primeira pessoa a se autointitular como drag queen e a liderar um grupo de resistência queer por volta dos anos de 1858.

Em França (2020, p. 192) encontra-se o esclarecimento de que "o termo queer utilizado pelos teóricos, não tem uma tradução exata para a língua portuguesa", a expressão pode ser traduzida como estranho, raro e esquisito.

> *Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante-homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecidível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2014, p.7-8 apud FRANÇA, 2020, p. 192).*

William Dorsey Swann reunia-se com outros ex-escravizados e bailes drag eram organizados, de modo que, a performance, o dançar e o se vestir como verdadeiras rainhas se tornasse um ato político. Usar da "representação feminina" o levou a ser preso inúmeras vezes pela polícia e se tornou o primeiro caso conhecido de pessoas LGBT perseguindo seus direitos legais no país.

Para a professora e drag queen, Rita Von Hunty (2019):

> *Ser drag é um movimento artístico em primeiro lugar, a drag Queen é uma forma de expressão artística, ou talvez uma linguagem artística.*

> *É um ato político, porque drag é sempre um reflexo da nossa vida, da nossa crença, dos nossos valores, e drag encena, ou traz à cena conceitos sobre performance de gênero (HUNTY, 2019, documento não paginado).*

Nesse movimento artístico, embora não seja muito abordado e conhecido no Brasil, o drag king é a mulher que se veste com roupas masculinas com objetivos artísticos e performáticos. Assim como a drag queen, o artista drag king também usa esses personagens para desconstruir os tabus inerentes à feminilidade e também a masculinidade através de uma sátira desse binarismo que a gente vive na sociedade, pois esses artistas estão desconstruindo os estereótipos que envolvem esses dois gêneros.

Ainda, segundo Rita Von Hunty (2019):

> *A drag também lida com uma esfera de empoderamento, porque a drag, feita pelo homem ou pela mulher, se vale de ícones e de signos estigmatizados que, a partir de uma performance, vão ganhar outro valor, vão ser ressignificados. Então, a gente pode pensar no espartilho, a gente pode pensar no corset, a gente pode pensar na peruca, na maquiagem, no salto, que para a mulher são signos de repressão, para a mulher são signos de desempoderamento, de destituição do conforto, da voz e quando o homem, através de uma performance artística, ou mulher, os ressignificam, eles se tornam outra coisa, eles se tornam uma ferramenta de empoderamento, ele se torna uma capa de super-herói, ele se torna um signo através do qual a gente consegue carregar uma nova mensagem (HUNTY, 2019, documento não paginado).*

Na visão de Teena Starling, ”fazer drag é uma ponte muito interessante para a gente dialogar com várias coisas que permeia a sociedade, uma vertente não só artística quanto social muito potente” (STARLING, 2021, documento não paginado), diante do exposto, a drag queen e cantora reforça que o que é feito por ela “é arte, é drag, é político e é humano” (STARLING, 2020, documento não paginado).

A performance drag enquanto ato político promove o empoderamento, combatendo um preconceito afiliado a uma heterossexualidade, que é incapaz de reconhecer que existe outra forma de ser humano, pois está inserido em uma cultura e uma estrutura que são misóginas e patriarcais, machistas, violentas e que deslegitimam as resistências femininas.

> *A drag assume, explicitamente, que fabrica seu corpo; ela intervém, esconde, agrega, expõe. Deliberadamente, realiza todos esses atos não porque pretenda se fazer passar por uma mulher. Seu propósito não é esse; ela não quer ser confundida ou tomada por uma mulher. A drag propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia (LOURO, 2004, p. 85).*

Muitas transformações aconteceram ao longo dos anos para que a drag queen entrasse no cenário LGBT e fosse reconhecida como um ato político e figura contestadora. Enquanto movimento artístico, a performance drag traz um discurso de retomada de direitos para a comunidade LGBT de um modo geral, que, não simplesmente serve para entreter, para trazer acalento, para discutir ou para dar risada, ela também se faz uma arte provocativa e chamativa, dado que mexe com tabus e questões que o grande público não está acostumado, não quer ver, não quer discutir e que muitas das vezes prefere ignorar.

Segundo Lima (2019), a arte da drag é pensada como marginal e de resistência, como cultura está intimamente ligada com a fundação da família, com a criação de espaços de segurança dentro da comunidade. Nesse viés, a arte drag combate a homofobia velada que simplesmente desqualifica e joga essa arte para escanteio, colocando-a com uma coisa marginalizada, a qual não deve ser levada a sério. Haja visto que, isso pode ser percebido ao longo da história da arte drag, que cada vez mais foi fazendo uma conexão profunda com o ativismo político e social.

Bragança (2019), Costa (2018), Lima (2019) e Santos (2019) explicitam seus pressupostos citando os Estados Unidos, nos anos de 1960, como exemplo de quando a arte drag começou a se associar de uma maneira extremamente forte à comunidade LGBT de um modo geral, pois houve a explosão de lutas sociais, onde negros, LGBT e mulheres estavam exigindo seus direitos, começando, então, uma série de revoltas. Dentre as manifestações, a mais conhecida é a "*Revolta de Stonewall*", que contou com a participação da drag norte-americana Marsha P. Johnson, ativista dos direitos humanos.

A manifestação recebeu o nome da famosa casa que acolhia drag queens, travestis, entre outras pessoas que haviam sido expulsas de casa e culminou no enfrentamento da comunidade LGBT contra repressão policial em Nova Iorque, se tornando um dos símbolos e marca registrada nesse orgulho LGBT, originando assim, o Dia Internacional do Orgulho LGBT.

Como descrito por Bragança (2019), o papel protagonista das drag queens na rebelião de *Stonewall*, marcou as lutas pela liberação das sexualidades dissidentes no mundo ocidental, as tornando uma relevância histórica, potencializadas por um alcance midiático nos dias atuais.

De acordo com Lima (2019), a marginalização da drag queen esteve mais em evidência dos anos de 1970 para os anos de 1980, quando o HIV aterrorizou a sociedade e era tida como o "câncer gay" , a AIDS foi rotulada como uma doença atribuída e disseminada por homossexuais masculinos diante de uma estigmatização que essa população já sofria na sociedade.

Se nos Estados Unidos, na década de 1970, muitas pessoas LGBT e de todas as

identidades eram presas por se vestir de um jeito diferente daquele imposto ao nascimento, com as acusações do tipo vadiagem ou perversão, principalmente para os artistas que usavam a arte drag como uma forma de expressão. Aqui no Brasil, isso tudo não era diferente, a ditadura foi um momento de muita repressão também para esse movimento.

Como estávamos vivendo o período da ditadura militar, existia uma repressão muito violenta na época. No entanto, segundo Liu (2016), Costa (2018) e Lima (2019), a expressão artística da drag queen, influenciados pelos movimentos dos direitos dos homossexuais dos Estados Unidos, começa ganhar destaque de fato a partir dos anos 80 e começou a se tornar cada vez mais popular no Brasil.

No início da década de 1990 houve o estouro das drag queens, ainda que, visto com olhos tortos pela sociedade e encarado como fenômeno passageiro. Todavia, de lá até os dias atuais, a importância de ter nomes que representem a comunidade LGBT, sobretudo a arte drag, presentes em programas de TV, na teledramaturgia e nas paradas de sucesso mostra que esse movimento artístico vai muito além da maquiagem, da peruca e do brilho, a representatividade e a luta desses artistas é visto cada vez mais como um ato político.

Embora a arte drag tenha passado a ser um aspecto célebre da vida gay moderna, já que seu reconhecimento artístico fazia com que fosse considerada algo próximo de celebridades para parte da comunidade LGBT, a visão politizada desses artistas foi muito além das plumas e paetês. Nesse sentido, o papel da drag queen era, e ainda é, quebrar tabus, sair do lugar de marginalização a qual foram colocadas por muito tempo, levar a visibilidade e lutar diante dos enfrentamentos para com o preconceito existente que impede uma aceitação social mais ampla.

Na opinião de Rita Von Hunty (2020), é a partir do momento que a gente entende que os nossos corpos são as instâncias primeiras fazedores de política que começamos a pensar o porquê de drag ser um ato político.

> *Para entender porque que drag é um ato político, primeiro a gente precisa discutir o que é política [...] e que a nossa existência é política e que a gente decide tomar parte desse processo, a gente está saindo da esfera política no sentido de que a gente está se politizando. Então, tudo é político e ter a noção disso é ser politizado (HUNTY, 2020, documento não paginado).*

Do ponto de vista da drag queen:

> *Um dos atos centrais da drag está amparado em um modo, uma frase, que as feministas estão nos dizendo desde a segunda onda do feminismo, lá nos anos 50 e 60, quando as feministas começaram a ensinar o mundo que o privado também é político, e o que isso significa? Que o meu gosto pessoal, que a forma com a qual eu decido me vestir, me portar, que o meu senso de humor, tudo isso é político da porta para fora e que quando eu coloco a minha peruca, o meu salto alto, a minha calcinha, o meu vestido e, teoricamente ou*

> *socialmente ou politicamente eu não sou um corpo entendido pra usar salto alto, peruca, calcinha, vestido, eu estou indo contra um estabelecimento. E esse estabelecimento atende a interesses. Quando a gente está falando de arte drag como ferramenta política, a gente está falando em primeiro lugar sobre o desconstruir, deslegitimar ou chacoalhar a ideia de que gênero é natural, de que vem da natureza, de que tem alguma coisa haver com Deus, e a gente tá mostrando que é uma performance, e mais do que isso, a gente está mostrando a partir do momento que é uma performance tem implicações políticas e que alguns corpos em algumas posições vão ser condenados (HUNTY, 2020, documento não paginado).*

Contudo, se hoje a drag queen está por toda parte, fazendo sucesso e se apresentando para o grande público, ocupando posições importantes em plataformas digitais como o *Spotify*, *Youtube*, *Netflix*, *GloboPlay*, entre outros, além de programas de televisão, premiações musicais e veículos de comunicação tradicionais, é porque lá atrás teve gente lutando duramente e sendo perseguida na época da ditadura militar no Brasil.

É, portanto, de suma importância compreender que a visibilidade dessa minoria se torna um grande indicativo de que as coisas estão caminhando, ainda em passos curtos, para um contexto mais inclusivo, pois, ser vista e reconhecida publicamente é uma forma de protestar e pressionar medidas que garantam direitos e políticas de igualdade e equidade a grupos sociais historicamente prejudicados.

4 A VISIBILIDADE DA ARTE DRAG NO BRASIL

O Brasil também tem uma história muito marcante a respeito de como a drag queen entra no nosso cotidiano. Dessa forma, vê-se emergir uma nova valorização da cultura drag brasileira, a ser abordada em maior profundidade neste capítulo.

O cenário drag nacional conta com nomes como Dimmy Kieer, Kaká di Polly, Kayka Sabatella, Paulette Pink, Rose Bombom, Salete Campari, Silvetty Montilla, Samara Rios, Suzy Brasil, Thalia Bombinha, Veronika, e tantos outros nomes conhecidos do grande público, que trilharam um caminho de representatividade para que hoje as portas estivessem abertas para acolher novos nomes e artes.

Símbolo da luta, resistência e amor pela arte do transformismo, a drag queen Miss Biá, ganhou o título de pioneira do movimento drag no Brasil, em uma época em que não existia boate específica para o público LGBT, apenas muita repressão da ditadura.

Desconhecido por muita gente, muito antes de existir qualquer outro movimento gay organizado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro em 1962, o coletivo Turma OK foi fundado oficialmente. O surgimento do Turma OK “esteve intimamente relacionado ao processo de consolidação de identidades coletivas relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade no Rio de Janeiro” (GREEN, 2018, p. 135).

O show de drag queens, concursos e outras apresentações foram as principais atividades organizadas pelo Turma OK, e desde então, as suas atividades prosseguiram normalmente, até os dias atuais, com um legado grandioso e inegável para a cultura drag. Nas competições promovidas pelo coletivo, o concurso Rainha da Primavera e Rainha OK, surgiram grandes nomes da cena drag carioca, como o de Rogéria [14].

Segundo os autores Amanajás (2014), Almeida (2020), Liu (2016), Trói (2018) e Valentim (2019), no final da ditadura, um grupo teatral ficou muito famoso, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. O Dzi Croquettes foi um dos estandartes do que é a questão de gênero, da arte drag e da performatividade no Brasil. Eles cantavam ao vivo, traziam questionamentos acerca de gêneros, fazendo um grande musical transgressor, que acabou tendo problemas por causa da ditadura, mas conseguiram enfrentar a repressão e censura durante muito tempo.

> *O grupo Dzi Croquettes começaram a se destacar na cena pública brasileira, levando milhares de pessoas ao delírio. Seus fãs não admiravam apenas suas performances artísticas, mas ainda seu estilo de vida que envolvia a adoção de valores comunitários ou uso de drogas, liberdade sexual etc (GREEN, 2018, p. 127).*

Dito isto, as manifestações artísticas, principalmente na música popular, começam a adotar um comportamento contestador das convenções de gênero e:

> *Talvez possamos dizer que, no Brasil, alguns dos artistas que mais tenham tido visibilidade nos palcos dos teatros, travestidos, foram os escandalosos Dzi Croquettes, artistas masculinos, barbados e de pernas peludas que, na década de 70, se apresentavam vestidos em saltos altos, paetês e muito glitter (THÜRLER; AZVDO, 2019, p. 228).*

Uma reformulação cultural aconteceu e novas demandas foram alinhadas às casas noturnas. Foi quando houve uma mudança do paradigma musical e a música eletrônica passou a reger as casas noturnas e transformou as drag queens em ícones do pop. É nesse momento que surge o famoso bate-cabelo, um estilo de dança que, segundo Bragança (2019, p. 536), "as drags, embaladas no ritmo frenético das músicas eletrônicas, giram o cabelo em uma velocidade impressionante objetivando levar o público ao delírio".

Bragança (2019), Campana (2017) e Liu (2016), exemplificam que nesse segmento, a drag queen Márcia Pantera é um furacão que causa impacto por onde passa, mostrando seu brilho, força e presença inexplicável em suas escaladas nas paredes dos clubes. A artista inicia sua trajetória como drag queen após vencer um concurso de drag, ganha visibilidade ao se tornar musa do estilista Alexandre Herchcovitch em seus desfiles de moda dos anos

14 No contexto em que Rogéria se popularizou no Brasil, ainda não se questionava muito a respeito da diferença entre travestis, transexuais e drag queens, de forma que, apesar de se tratar de uma mulher transexual, por muitos anos, Rogéria foi tratada pela grande mídia como transformista.

de 1990 e se tornar rainha e precursora do bate-cabelo que hoje é disseminado por todo país.

Ao pensar nas ramificações da cultura drag para além do que é exibido em veículos massivos de comunicação, é importante destacar a drag queen Laura de Vison, que acabou abrindo espaço para gerações futuras. A título de ilustração, podem-se selecionar outras drag queens importantes como Karina Karão, Kayka Sabatella, Rose Bombom e Suzy Brasil, quatro expoentes da década de 1990, que usavam de seus corpos para protestar os padrões de beleza vigentes, seguindo um viés irreverente, marcado pelo escracho e pela ironia, transformando suas apresentações no fazer política, satirizando a evidente disparidade social.

Se atualmente drag queens como Pabllo Vittar, Glória Groove e Aretuza Lovi, puxam blocos de carnaval de maneira revolucionária, precisamos recordar de ícones como a Lola Batalhão e a Isabelita dos Patins, que já levavam a arte drag para o carnaval como ato político. Eram drag queens caricatas e bonecas que se destacaram durante anos nos desfiles da Banda de Ipanema e nas apresentações das escolas do Grupo Especial no Sambódromo. Além disso, eram figuras constantes nos programas de auditório nacionais.

Dando um salto no tempo, no ano de 2009, é criado o *International Drag Day*[15], a fim de promover a arte e a cultura drag, que deixou de ser marginalizada e agora se tornou mais acessível devido a maior visibilidade nos meios de comunicação.

Nos dias atuais a arte drag está na TV, no reality show, na música, na internet e é sinônimo de militância e empoderamento para a comunidade LGBT. Com as pessoas cada vez mais conectadas, esse movimento artístico tem se posicionado ainda mais como revolucionária, ao surgir como resistência aos regimes de normalidade, colocando em tensionamento a mídia hegemônica.

Para a drag queen Teena Starling:

> *Fazer drag se comunica muito com cada um. A gente consegue se comunicar de várias formas, maiores números de pessoas e vários tipos de pessoas. Então, mostrar um lado artístico, humano, sensível dessa prática que é o fazer drag (STARLING, 2019b, documento não paginado).*

Dar voz para toda essa comunidade é um compromisso para com esse movimento artístico, influenciando digitalmente e promovendo as manifestações populares que se

15 Segundo a Wikipédia, o International Drag Day é um evento anual em 16 de julho, criado em 2009, pelo ativista norte-americano Adam Stewart, que tem como objetivo celebrar e reconhecer a arte drag em todo o mundo.

estendem para além da rede, pois, de acordo com Teena Starling, "fazer drag também é potencializar que aconteça essa mudança" (STARLING, 2019a, documento não paginado).

Nesse ínterim, podemos elencar alguns dos momentos mais marcantes da arte drag no país.

4.1 "ÊÊÊPA! BICHA NÃO!" [16]

As aparições das drag queens, ou transformistas como eram chamadas na época, nos programas do Silvio Santos, sobretudo no "programa Show de Calouros", no ar a partir de 1977 no SBT, criou uma categoria específica para essa performance. O concurso das transformistas virou, então, um dos maiores destaques do programa" (BRAGANÇA, 2019, p.533), ainda que de uma maneira às vezes caricata, mas que para época, era a oportunidade de não ficar preso aos guetos do meio LGBT, uma vez que, aparecer na televisão era algo muito transgressor e rompia barreiras.

Conhecida por fazer imitações de vários artistas da música pop internacional, Diana Finsk, persona de Erick Barreto, ganhou visibilidade ao interpretar a cantora Carmem Miranda, tornando figura ímpar e a apresentação mais esperada no programa "Show de Calouros".

Do ponto de vista de Lorelay Fox (2017) e Penelopy Jean (2020a), é importante mencionar a figura de Elke Maravilha, que foi defensora dos homossexuais e considerada mãe das drag queens, já que a mesma costumava dizer que nunca foi mulher, e preferia "ser pessoa". Combinando culturas, a artista era dona de um estilo singular de vestir e pentear-se, numa mescla de elementos tribais e futuristas, por vezes de caráter andrógeno, ganhou notoriedade como jurada no programa do Chacrinha e no Show de Calouros de Silvio Santos.

Elke foi referência de que qualquer pessoa pode ser drag queen, pois a manifestação artística aqui supracitada independe de gênero e sexualidade.

Entre os anos de 1980 e 1990 havia uma infinidade de apresentadores e personagens direcionados especialmente para os programas televisivos. De acordo com Amanajás (2014) e Rosa e Felipe (2021), é nessa época que acontece a entrada da arte drag em programas infantis e humorísticos da televisão brasileira.

No intuito de entreter crianças, recordamos aqui a Vovó Mafalda, personagem interpretada por Valentino Guzzo, criada pelo SBT para participar do programa infantil do

16 Bordão usado pela drag queen Vera Verão no programa A Praça é Nossa.

Palhaço Bozo. Já, no que diz respeito ao humor, a Vera Verão, dona do bordão "Êêêpa! Bicha não!" interpretada por Jorge Lafond, e a Velha Surda, personagem cômica interpretada por Roni Rios, foram personagens que marcaram época no programa "A Praça é Nossa", levando para o público uma mistura de elementos tanto da arte drag como também da palhaçaria.

Foi também a partir da década de 1990 que a drag queen repórter se tornou comum na mídia. Nomes como Nany People e Léo Áquila, que hoje assumiram a transexualidade, são exemplos de drag queens que galgaram novos espaços.

Nany People alega que:

> *O Brasil está sendo um celeiro, um manancial de novas drags, que estão fazendo a cultura drag acontecer [...] de 2014, 2015 para cá, tem uma nova geração de drag que canta, representa e faz acontecer, na mídia, na moda, no showbiz. É fantástico isso, realmente a diversidade tem que ser vista, celebrada, representada e consumida (PEOPLE, 2018, documento não paginado).*

O programa "Amor e Sexo", da TV Globo, no ano de 2016, traz a drag queen Pabllo Vittar como vocalista da banda da atração, transformando a maneira como o público de fora da comunidade LGBT enxergava a arte drag e disseminando o interesse em saber mais sobre esse movimento artístico.

E recentemente, na 70ª edição do Miss Universo, o concurso de beleza tem Ikaro Kadoshi como a primeira drag queen da história a apresentar o prêmio na televisão.

4.2 DRAG EM REALITY SHOW É "CHOQUE DE MONSTRO, MEU AMOR!" [17]

Uma das figuras mais marcante e representante forte da comunidade LGBT do país esteve presente na décima edição do reality show "Big Brother Brasil", no ano de 2010. A participação do maquiador Dicesar, também conhecido como Dimmy Kieer, oportunizou que o Brasil conhecesse a sua drag queen.

Sucesso na TV cearense e exibido no youtube, em 2012 e 2014, o reality show "Glitter: em busca de um sonho" era uma competição com provas realizadas no palco do Programa Ênio Carlos, que possibilitaria à participante vencedora realizar um sonho definido já no primeiro episódio.

O impacto de RuPaul's Drag Race não passou despercebida também no cenário brasileiro e, dessa repercussão, decorreu uma maior aceitação do público do Brasil às drag queens. E foi inspirado no reality estadunidense que o cineasta Alexandre Carvalho, em

[17] Expressão usada pela participante Rochele Santrelly em um dos episódios de Glitter: em busca de um sonho.

2014, idealizou o *reality show*, "Academia de Drags". Tendo duas temporadas e apresentado por Silvetty Montilla, o programa exibido pela internet, via *youtube*, buscava encontrar a drag queen mais completa do Brasil.

Se no ano de 2014, a drag queen austríaca Conchita Wurst vence a 59ª edição anual do "Festival Eurovisão da Canção". Aqui no Brasil, a cantora e drag queen Deena Love mostra talento e brilho no palco da terceira edição do *reality show* "The Voice Brasil", onde foi julgada, aprovada e conseguiu se destacar na disputa.

No ano seguinte, estreia a primeira temporada de "Drag Me as a Queen", com apresentação das drag queens Ikaro Kadoshi, Penelopy Jean e Rita Von Hunty, o *reality show* brasileiro foi o primeiro a ser exibido em um canal de TV. Nele havia uma proposta bem especial, transformar mulheres comuns, com grandes questões de vida, em drag queens. Para libertar a "queen" que habitavam dentro delas, era preciso trazer essas questões à tona, a fim de saná-las, mostrando todo o belo potencial de cada uma dessas mulheres. Com grande aceitação do público, em 2019 aconteceu a segunda temporada.

No ano de 2020, é produzido pela plataforma digital *Netflix* o *reality show* "Nasce Uma Rainha". Comandado por Alexia Twister e Gloria Groove, na atração, as apresentadoras se tornavam mentoras de participantes aspirantes a drag queen e drag king. O programa trouxe o que há de mais humano na arte drag, que envolve teatro, dança, moda, maquiagem, e assim desenvolviam performances artísticas a qual os participantes se permitiam a aprendem a se transformar em sua melhor versão.

4.3 BRILHO, MAKE E CARÃO... GRAVANDO!

Nas telenovelas sempre houve uma tendência a se abrir o leque, de se criar personagens que fossem ao encontro a todo tipo de pessoa e durante muito tempo os folhetins trouxeram o travestismo para dentro de seus enredos, através de crossdresser, travestis e transformistas. O grande público só começou a tomar conhecimento do movimento drag nas novelas quando Ro-rô Pedalada, interpretada por Marcos Breda, na novela "Zazá" (1997) e Conchita, vivida por Luís Melo em "Cobras & Lagartos" (2006), entraram na trama como personagens identificadas como drag queens.

Embora o espaço ainda seja pequeno, é notório que nos últimos anos a presença de drag queens, aos poucos, tem aumentado na teledramaturgia. Seja através da abordagem das questões de preconceito, invisibilidade e até mesmo apagamento que autores conseguem trazer a mensagem de enaltecimento da arte drag dentro da população LGBT, que também convive à margem da sociedade.

No ano de 2017, a escritora Glória Perez faz uma abordagem acerca das discussões

de gênero, sexualidade e identidade na telenovela “A Força do Querer”, da Rede Globo. A trama trouxe a história de Nonato, um motorista que dá vida a sua persona noturna, a radiante e performática drag queen Elis Miranda, interpretada pelo ator Silvero Pereira. No mesmo ano, a novela “Pega Pega”, de Claudia Souto, tratou com naturalidade o fato de Flávio, interpretado pelo ator Gabriel Sanches, encontrar no feminino, por meio de sua persona drag Rúbia, a maior forma de expressão dos sentimentos.

No ano seguinte, a temporada Vidas Brasileiras de "Malhação" trouxe para o debate o preconceito sofrido pelas pessoas que trabalham como drag queen. No folhetim, o estudante Leandro, interpretado pelo ator Dhonata Augusto, diante da situação financeira ruim de sua família, decide se apresentar em uma boate carioca como a drag queen Lelezinha Flexível. Ainda no ano de 2018, em “Onde Nascem os Fortes”, a drag queen Shakira do Sertão, interpretada por Jesuíta Barbosa, usava máscara para não ter a verdadeira identidade descoberta, Shakira do Sertão se apresentava às escondidas como cantora na boate fictícia da trama.

A série “Super Drags” faz sua estreia no ano de 2018, na plataforma digital *Netflix*. Criada por Anderson Mahanski, Fernando Mendonça e Paulo Lescaut, a animação destaca o caráter cômico do desenho voltado para o público adulto, se utilizando várias expressões do universo LGBT, a série conta a história três amigos gays que, ao cair da noite, se transformam em drag queens. A série conta com as vozes originais das drag queens Pabllo Vittar como Goldiva, Silvetty Montilla como Vedete Champagne e Suzy Brasil como Juracy.

4.4 “DJ, TOCA O SOM, TÔ FICANDO LOUCA E CÊ TAMBÉM”[18]

É notório o fato de que, na contemporaneidade, a drag queen esteja em ascensão cultural e o cenário musical é um dos mais impactados. Ao ouvir os hits do momento, há, com certeza, alguma música de alguma cantora drag queen.

Durante muito tempo, esse tipo de manifestação artística fez parte de uma cultura underground[19], em um cenário bem diferente do Top Hits. No entanto, nos dias atuais, diversas cantoras drag queens nacionais estão ganhando visibilidade, tais como: Aretuza Lovi, Glória Groove, Kaya Conky, Kika Boom, LaMona Divine, Lia Clark, Pabllo Vittar, Potyguara Bardo, Teena Starling, entre outras. Isso nos traz a reflexão do quão o Brasil está abrindo as portas para que essas artistas possam cantar e expressar sua arte com uma visão ampla e sem julgamentos, dando um show de talento com músicas conhecidas do grande público.

[18] Trecho de “Open Bar”, música da cantora e drag queen Pabllo Vittar.
[19] De acordo com a Wikipédia, a cultura underground ou cultura submundo é um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

Outrossim, é importante destacar, também, a primeira banda e a primeira dupla de drag queens do Brasil. O grupo As Baphonicas [20], composto pelas drag queens Natasha Fierce, Chloe Van Damme e Ravena Creole. E o Armário de Saia, da dupla WesDrag e GragQueen.

4.5 ATIVEM O SININHO [21]

A forma como a sociedade vê as drag queens ainda é muito estigmatizada. No entanto, com a chegada da drag queen ao ciberespaço [22] e o fenômeno das influenciadoras digitais, essa percepção tem mudado, uma vez que, aumentou-se ainda mais a visibilidade do movimento drag, pois, se antes a arte drag estava em uma posição de figura de entretenimento exótico, baseado nos gritos, perucas e purpurina, atualmente essa percepção tem mudado e é possível acompanhá-las em seus canais nas plataformas digitais como o *youtube*.

Diante de tantas *influencers* digitais drag queens, podemos mencionar Bianca Dellafancy, Cútis Negra, Dimitra Vulcana, Duda Dello Russo, Hillary Hilton, Ikaro Kadoshi, LaMona Divine, Lorelay Fox, Penelopy Jean, Rita Von Hunty, Samara Rios e Samira Close, como algumas de muitas outras artistas que geram bons conteúdos em seus canais na internet, propiciando uma transformação muito grande no que diz respeito à defesa da arte drag enquanto movimento social de representatividade, lutas e ato político.

Nesse ínterim, a arte drag está cada vez mais disseminada, pois, com o advento tecnológico, sobretudo a ajuda da internet, tem abraçado e dado voz aos artistas e a arte, e com isso a cultura drag tem alcançado visibilidade que antes era muito distante do entendimento de boa parte da sociedade.

É, portanto, muito importante repensar o percurso histórico que a arte drag tem, de modo a se ressignificar diariamente, para que esse movimento artístico possa ser visto e se enxergar no modelo piramidal de suas relações, refletindo sobre a mudança desde o seu surgimento até os dias de hoje, quando contribui para alterar e combater os argumentos invisibilidade, preconceito e violência que excluem a população LGBT da sociedade.

20 Atualmente, apenas Chloe Van Damme e Ravena Creole integram As Baphonicas.

21 Expressão muito utilizada pelos *influencers* digitais ao se referir às notificações de vídeos publicados em seus canais.

22 Meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p.16)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa se faz notável que a arte drag possui uma rica história, quando pensamos além da realidade brasileira desses indivíduos marginalizados. Nesse ínterim, é interessante perceber que mesmo dentro de uma cultura e de um movimento em que se busca reconhecimento e espaço para defender essa expressão artística, se faz necessário entender que nesse movimento artístico a personificação feminina vai ao encontro à luta e conquistas de direitos que sempre esteve presente na história humana.

Acerca das informações angariadas neste trabalho, não se pode negar o impacto da mídia sobre o discurso reproduzido na sociedade e a importância da luta da sobrepujada para a conquista de sua visibilidade e reconhecimento enquanto movimento artístico.

Considera-se, portanto, que a arte drag, em seu caráter contestador, político e social, resistiram no tempo e no espaço, se afirmando como forma de expressão artística mesmo diante de toda opressão sofrida, pois desde o seu primórdio a drag queen sempre foi ato político, uma vez que, independente da maneira como se apresentavam ao público, a simples figura da persona drag já possuía a capacidade de chocar e brincar com a norma social vigente.

Hoje, as drag queens estão presentes na TV, na teledramaturgia, nos reality shows e fazem grandes shows e participam de parcerias com artistas consagrados, e, cada vez mais, é possível ver drag queens saindo dos bares voltados para o público LGBT e alcançando espaços que jamais poderiam imaginar. Notáveis por suas músicas, posicionamento diante de abordagens e questionamentos tão importantes e presentes na atualidade, as drag queens conseguiram chegar a públicos mais amplos com o advento da internet, este que foi instrumento fundamental para que as drag queens conquistassem reconhecimento e fãs nas redes sociais, como *twitter, facebook, instagram e youtube*, assim, ficando mais fácil chegar ao público e conquistá-lo.

Conclui-se, que esse esforço historiográfico contribui para a compreensão de que esse movimento artístico, com o caráter de entreter, não é uma exclusividade da contemporaneidade, sendo necessário um olhar atento a fim de entender as relações que as drag queens estabelecem em seus cotidianos, através do percurso de análise que vai contra as normas sociais de gênero e os processos apresentados em sua estética somados à expressão performática das drag queens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marco Aurelio Barsanelli de. Corpos em trânsito. *In*: **Revista Albuquerque**, Mato Grosso do Sul, MS, v.12, n.23, 2020. p. 197-203. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/10333>. Acesso em: 06 jan. 2021.

AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. *In*: **Revista Belas Artes**, São Paulo, SP, n.16, 2014. Disponível em: <https://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BRAGANÇA, Lucas. Fragmentos da babadeira história drag brasileira. *In*: **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, RJ, v.13, n.3, 2019. p. 525-539. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1703/2290>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CAMPANA, Nathalia Sato. **O ato político por trás da drag queen**: desmontando o essencialismo dos gêneros. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia - Social e do Trabalho) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-04102017-173641/pt-br.php>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *In*: **Estudos de psicologia**, v.9, n.3, 2004. p. 471-478. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

COSTA, Tacio Hugo Gouveia. **Cultura do transformismo**: corporalidades, performatividades e transgressões. 2018. 69 f. Monografia (Bacharelado do Curso de Direito) – Centro Universitário Curitiba, Faculdade de Direito de Curitiba. Disponível em: <https://www.unicuritiba.edu.br/images/tcc/2018/dir/TACIO-HUGO-GOUVEIA-COSTA.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FOX, Lorelay. Como surgiram as drag queens?. **Lorelay Fox**. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=PHrjrJetXe4&list=PLfp2z7EnjO-ldgiuJdNb-wRtXKyBmF9bP&index=11>. Acesso em: 30 mar. 2021.

_____. Mulher pode ser Drag?. **Lorelay Fox**. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=V48svw9uNf8>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FRANÇA, Wezelley Campos. A teoria queer na educação: por uma pedagogia queer. *In*: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de.; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; REIS, Toni. (orgs.). **Estudos sobre diversidade sexual e de gênero**: atualidades, temas, objetos. 1. ed. Curitiba: IBDSEX, 2020a, v. 1, p. 222-227.

_____. Diversidade sexual e identidade de gênero na educação: os direitos humanos e a atuação da escola. *In*: IANTAS, Isabel Ceccon Iantas; TAKASHIMA, Kenji Theodoro Karazawa; SOUZA, Kleire Anny Pires de; SILVA, Marina de Fátima da. (Org.). **Resistência LGBTI+**: caderno De trabalhos. 1ed.: COR.LGBTI, 2020b, v. 1, p. 113-125.

GREEN, James N. *et al.* (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo, SP: Alameda, 2018.

HILTON, Hillary. Filmes com drag queens - Pink Popcorn. **Hillary Hilton**. Youtube, 16 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=1lo0YdnCYIU>. Acesso em: 30 mar. 2021.

HUNTY, Rita Von. Pode um professor ser drag queen? Conheça Rita Von Hunty. **Cartacapital**. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=4x44M45hDyU&list=PLfp2z7EnjO-ldgiuJdNb-wRtXKyBmF9bP&index=12>. Acesso em: 30 mar. 2021.

_____. Drag queen é um ato político? Com Rita Von Hunty - **Episódio #46 de podcast. Santíssima Trindade das Perucas**. Spotify. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/42h3hdQwN4jZWTJWrMcCLn?si=7829d17038cd417d>. Acesso em: 18 abr. 2021.

JEAN, Penelopy. História da arte drag no Brasil. **Penelopy Jean**. Youtube, 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=wQRpjGQwOBY&list=PLfp2z7EnjO-ldgiuJdNb-wRtXKyBmF9bP&index=2>. Acesso em: 30 mar. 2021.

_____. História da drag queen - a verdadeira origem do termo. **Penelopy Jean**. Youtube, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=eTrCz3nBo24&list=PLfp2z7EnjO-ldgiuJdNb-wRtXKyBmF9bP&index=2>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JOORY, Eva. Drag queens surgiram em 90. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 dez. 1995. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/10/cotidiano/6.html>. Acesso em: 08 mar. 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

LIMA, Ana Cláudia Teixeira de. **O câncer gay e o orgulho gay:** a experiência da AIDS para o movimento LGBT da cidade do Rio de Janeiro (1986-1995). 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_final_ana_claudia_lima.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

LIU, Danilo Simões. **O percurso histórico da cultura drag**: uma análise da cena queer carioca. 2016. 106 f. Monografia (Bacharelado do Curso de Comunicação - Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4016>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre a teoria queer. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes *et al.* (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

PAIVA, Vitor. **Como a revolta de Stonewall, em 1969, empoderou o ativismo LGBT para sempre**. 2018, [s.l.]. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/06/como-as-revoltas-de-stonewall-na-ny-de-1969-empoderou-o-ativismo-lgbt-para-sempre/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PEOPLE, Nany. Nany People fala sobre nova geração de drags. **Caras Brasil**. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zN6iRg6qziE>. Acesso em: 31 mar. 2021.

PEREIRA, Silvero. A origem do termo "Dreeg Queen" com Silvero Pereira no Estação Plural.

Tvbrasil. Youtube, 22 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=k1vEmrgo5nE>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PIVOVAR, Isabelli *et al*. Drag é Arte, Identidade e representatividade - Um estudo do universo drag queen e a mídia. *In*: **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. 2019, Porto Alegre - RS. (outra) Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0955-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

RODRIGUES, Bruna Silva. **Aqui o close é certo, Monamour**: Um estudo etnográfico sobre a performance Drag Queen na cidade de Mossoró. 2016. 51 f. Monografia (Bacharelado do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento De Comunicação Social. Disponível em: <http://www.uern.br/controledepaginas/depto-comunicacao-social-producao-discente/arquivos/0301aqui_o_close_a%E2%80%B0_certo_monamour.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Performatividade de Gênero no Olhar das Crianças: uma drag queen como mediadora de leitura literária. *In*: **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, RS, v.11, n.1, 2021. p 01-23. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/100183> Acesso em: 20 mar. 2021.

SANTOS, Cristiane Caetano dos. O ser Drag e o viver Queen: esteriótipos e configuração do artista performático em Maceió. *In*: **XVIII Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero** - REDOR. 2014, Recife - PE. (Outra). Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2262/717>. Acesso em: 03 out. 2020.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; SIRTORI, Francisco. Rita Von Hunty: visibilidade midiática e engajamento político em uma Drag Queen. *In*: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020, virtual. (outra). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2463-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro dos Santos. Prazer, eu sou arte, meu querido: apontamentos historiográficos para uma genealogia do travestimento drag queen. *In*: **Revista de estudos interdisciplinares em gênero e sexualidades**, Salvador, BA, v.2, n.11, 2019. p. 17-44. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28252/20101>. Acesso em: 07 jan. 2021.

SOARES, Fernanda; CASTRO, Herbet. O que é uma drag queen? - Guia Básico #11. **Canal das Bee**. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=z1Bu2E0KpTY&list=PLfp2z7EnjO-ldgiuJdNb-wRtXKyBmF9bP&index=6&t=1s>. Acesso em: 30 mar. 2021.

STARLING, Teena. Entrevista sobre o show Ser Feminino (Teatro de Bolso - Campos / RJ). **Teena Starling**. Youtube, 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=SNNFzc52Tsg&t=96s>. Acesso em: 30 mar. 2021.

_____. Hey, você me conhece!?. **Teena Starling**. Youtube, 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=7dwfUEcdb3w&t=8s>. Acesso em: 30 mar. 2021.

_____. Show Fluidez. **Teena Starling**. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AF0MF_nsPyQ&t=7s>. Acesso em: 06 abr. 2021.

_____. Mestiça.Doc - Episódio #1. **Teena Starling**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZb7fY7UJTs>. Acesso em: 06 abr. 2021.

THÜRLER, Djalma; AZVDO, Armando. A arte é divina demais para ser normal: drag queers e políticas de subjetivação na cena transformista. *In*: **Revista Crioula - Dissidências de Gênero e Sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa**, São Paulo, SP, n.24, 2019. p. 222-238. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/download/162603/158687/387539>. Acesso em: 06 jan. 2021.

TOLENTTINO, Cristina. O Ator, A Máscara e a Indumentária. **Caleidoscópio portal cultural**. [s.d.], Belo Horizonte, MG. Disponível em: <http://www.caleidoscopio.art.br/cultural/teatro/historia-do-teatro/teatro-grego-parte1-o-ator.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TRÓI, Marcelo de. **Corpo dissidente e desaprendizagem**: do teat(r)o oficina aos a(r)tivismos queer. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado - Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25420>. Acesso em: 17 jan. 2021.

VALENTIM, Maria Lucas Pereira. **Do cílio a navalha: montação na cena carioca**. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Disponível em: <http://ppgac-ecoufrj.com.br/uploads/f/s/disserta-maria-lucas_4S3z.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84381>. Acesso em: 06 jan. 2021.

VIEIRA, Manuela do Corral; LUZ, Matheus Henrique Cardoso. Rita Von Hunty e o canal Tempero Drag: infotenimento, representatividade e mobilização. Aturá. *In*: **Revista Pan-Amazônica De Comunicação**, Palmas, TO, v.4, n.1, 2020. p. 162-181. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/9685>. Acesso em: 18 jan. 2021.

Recebido em 28/07/2021
Aceito em 22/01/2022